

NO EXTREMO DA VIDA (NÊMESIS): O HOMEM COMUM, O PATRIMÔNIO E A HUMILHAÇÃO

Ermelinda Maria Araújo Ferreira¹

*A velhice não é uma batalha.
A velhice é um massacre.
Philip Roth*

RESUMO

*Philip Roth é um autor cáustico, célebre por sua coragem de ficcionalizar temas áridos e difíceis, muitas vezes a partir de registros autobiográficos. A velhice, a doença e a morte têm sido suas companheiras frequentes em seus últimos romances. Neste ensaio, comentaremos muito brevemente sobre três de suas obras que versam sobre essas temáticas: **A humilhação, Homem comum e Patrimônio**. A nossa reflexão evoca, como contraponto à análise, **O livro de Jó, da Bíblia; Saber envelhecer, de Cícero; A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer, de Norbert Elias; e Vivo até a morte, seguido de Fragmentos, de Paul Ricoeur.***

Palavras-chave: Philip Roth; Velhice; Sabedoria; Morte; Poesia.

ABSTRACT

*Philip Roth is a caustic author, celebrated for his courage to fictionalize arid and difficult subjects, often from autobiographical records. Old age, sickness and death have been his frequent companion in his later novels. In this essay we will comment very briefly on three of his works that deal with these issues: **The Humbling, Everyman and Patrimony**. Our reflection evokes, as a counterpoint to the analysis, **the book of Job in the Bible; On Old Age, Cicero, The Loneliness of the Dying, followed by Aging and Dying, Norbert Elias, and Living up to Death, followed by Fragments, by Paul Ricoeur.***

Keywords: Philip Roth; Old Age; Wisdom; Death; Poetry

A dor segundo a teologia retributiva

A palavra *Nêmesis* vem do grego antigo νέμεσις, derivado do verbo νέμω (*nêmo*: distribuir). O termo foi usado por Homero (na *Odisseia*) e por Aristóteles (na *Ética Nicomachea*) com o significado de desdém e indignação; e por Heródoto e Plutarco com o sentido de vingança e castigo. A palavra também tem o sentido de “justiça distributiva”. Originariamente, a deusa grega *Nêmesis* infligia dor ou concedia felicidade segundo o que era justo. Portanto, por antonomásia, entende-se *nêmesis* como a situação negativa que se segue a um período particularmente favorável, como ato de justiça compensatória. A ideia que subjaz ao termo é a de que o mundo deve obedecer a uma lei de harmonia, segundo a qual o mal deve ser compensado pelo bem em igual medida – e vice-versa. É a antiga roda da vida, popularizada no ditado: “Não há mal que sempre dure nem bem que nunca se acabe”.

Em português, a palavra designa “alguém que exige ou inflige retaliação” ou, por extensão de sentido, um “rival ou adversário temível e geralmente vitorioso”. Na cultura anglo-saxã moderna, o termo assumiu o significado de “inimigo” ou o pior inimigo de uma pessoa, normalmente alguém que é exatamente o oposto de si, mas que é, também, de algum modo muito semelhante a si. Deus? Demônio? O que determinaria a implacável série de eventos que constituem a existência terrena? O acaso?

Aos 79 anos, o escritor norte-americano Philip Roth anunciou que *Nêmesis* (2010) seria o seu último romance. Em entrevista à revista francesa *Les Inrockuptibles*, o autor dizia que já não tinha vontade de escrever: “Não tenho intenção de escrever nos próximos dez anos”, dizia. “Acabei”. Esta decisão foi confirmada pela editora de Roth, a Houghton Mifflin. Philip Roth justificou-se: “Não penso que um livro a mais ou a menos mudará o que quer que seja naquilo que já fiz. E se eu escrever um novo livro será, muito provavelmente, um livro falhado. Quem é que precisa de ler mais um livro medíocre?”

¹ Doutora em Letras, professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Pesquisadora do CNPq.

Através do enredo de *Nêmesis*, Roth parece sintetizar as duras interrogações que assombraram sua trilogia anterior – *A humilhação*, *Homem comum* e *Patrimônio* – relacionadas à representação da falibilidade humana diante das contingências da vida. A única diferença é que, após dedicar-se assiduamente à reflexão sobre a velhice, ele volta a sua atenção sobre o extremo de outra idade do homem: a infância. A longa meditação anterior sobre a última fase da existência curiosamente se conclui com uma história sobre a vulnerabilidade das crianças – tão semelhante à dos velhos – às doenças, à limitação física e à morte. Explorando a temática de uma epidemia de poliomielite ocorrida em 1944 nos Estados Unidos, em Newark, sua cidade natal, antes do advento da vacina, Roth estabelece um contraponto entre a Segunda Guerra Mundial e a luta local pela sobrevivência ao ataque do vírus.

O protagonista, Bucky Cantor, é um jovem atleta de 23 anos, que é recusado pelo serviço militar em decorrência de uma acentuada miopia, e acaba arranjando emprego na direção do *playground* do bairro. A chegada da epidemia permite que ele avalie as semelhanças entre as tragédias produzidas pelo homem e pela natureza. Apesar de preferido para a guerra, o jovem se descobre na condução de um *front* inadvertido, lutando contra um inimigo invisível, aparentemente invencível, e convivendo com as consequências desta invasão: o sofrimento, as mutilações físicas e as mortes dos inocentes.

À medida que a epidemia se agrava e as crianças começam a sucumbir à doença, os membros da comunidade judaica local começam a apelar para a religião em busca de consolo. Em segredo, o jovem se enfurece contra o que julga ser uma imperdoável ingenuidade: apelar para um Deus capaz de tamanha e aleatória crueldade. Sua consideração pelos enlutados e devastados o impede, contudo, de dar voz aos seus sentimentos.

Nêmesis está repleto de motivos familiares a Roth – suas memórias pessoais, o judaísmo, os jovens obedientes e as fortes referências paternas. Apesar disso, não se encontra nesta obra nenhum dos seus habituais efeitos de pirotecnia narrativa, advindos de descrições eróticas exóticas, responsáveis pelo contraponto bem-humorado à dureza de suas novelas anteriores. Entretanto, o seu tratamento econômico e alegórico do tema não é banal nem melodramático. Como a maioria das parábolas, a mensagem de *Nêmesis* é simples. O narrador, que descobrimos ter sido um dos amiguinhos de Bucky no *playground*, agora é um homem adulto paralisado pela poliomielite. É dele a conclusão sumária do livro: “Qualquer biografia é fruto do acaso. E o acaso é a tirania da contingência. Isto é tudo.”²

2 A tirania da contingência é um dos principais temas de outro romance de Roth, *Indignação*, cujo protagonista é novamente um jovem de Newark, desta feita desejoso de escapar à convocação para lutar na Guerra da Coreia, por querer dedicar-se aos estudos universitários. O acaso, mais uma vez, interfere negativamente, e o jovem acaba sendo enviado, contra a sua vontade, para o combate.

Por outro lado, em *A humilhação*, *Homem comum* e *Patrimônio*, onde os protagonistas ou estão entrando na velhice ou já são velhos, é inevitável que o discurso se transfira da análise especulativa sobre os efeitos das contingências negativas na infância, felizmente incomuns, para a descrição da angústia que recai, de maneira muito mais determinante, sobre a experiência da maturidade. Acompanhamos, nestas obras, o desfile de personagens idosos avaliando suas vidas, seus relacionamentos fracassados, e lutando para enfrentar as adversidades dos problemas físicos que vão aparecendo e da ameaça concreta da morte que vai se impondo – desafios que demandam ajustes psicológicos às vezes impossíveis, restando ao indivíduo aceitar, ou não, a inevitabilidade de sua sujeição a uma ordem entrópica cega e implacável.

Talvez por isso, as três obras aqui elencadas nos evoquem com tanta intensidade os lamentos bíblicos de Jó. Considerado um modelo de homem justo, e vivendo de acordo com a teologia da retribuição, premiado e protegido por Deus, que lhe agracia com a prosperidade: saúde, riquezas, harmonia familiar, retidão religiosa que beira o escrúpulo, a certa altura Jó conhece a tragédia: agressões e intempéries levam seus filhos queridos e dilapidam seus bens, e as chagas recobrem o seu corpo. Empobrecido, doente e marginalizado pela sociedade da época, que identifica as feridas com a lepra – obrigando-o ao isolamento –, e que interpreta a desgraça como castigo divino contra a impiedade da criatura, segundo o dogma da retribuição; *O livro de Jó* consiste num impressionante debate filosófico que expõe a cruas dúvidas mais legítimas do homem sobre a existência de um Deus de bondade.

Travado entre os gritos lancinantes do sofrimento que se crê justo – pelo menos até aonde vai o seu entendimento (que é o máximo a que qualquer um pode aspirar) – e as opiniões dogmáticas de seus supostos amigos, Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat, que partiram de suas terras para compartilhar a dor de Jó e prestar-lhe auxílio espiritual –, este livro sapiencial do Antigo Testamento levanta questões sempre atuais sobre os limites da religião quando a empatia cede terreno à teoria, e conduz não à caridade e à compaixão, mas ao julgamento. Em Israel, a sabedoria não é a cultura conseguida graças à acumulação de conhecimentos, mas o bom senso e o discernimento das situações, adquiridos através da meditação e da reflexão sobre a experiência concreta da vida. Trata-se de algo que se aprende na prática e que pode levar à arte de viver – e de morrer – bem.

Susan Sontag, em *Doença como metáfora*, perfaz o percurso de Jó ao levantar o ancestral problema da teologia retributiva, vigente sob outras roupagens ao longo da história moderna, quando se insiste em culpar a vítima pelo mal que a acomete, apesar de todos os avanços científicos responsáveis pela erradicação de doenças estigmatizantes e pela cura de males antes considerados verdadeiros castigos.

Entretanto, o reiterado surgimento de novas epidemias sem cura, e de desordens físicas e psíquicas sem explicação,

acabam favorecendo o recrudescimento desta hermenêutica cruel: ao *justo*, saúde e prosperidade; ao *injusto*, desgraças e sofrimento. Ao desgraçado e sofrido, portanto, recairia ainda a pecha da culpa, pela acusação do pecado e da traição a Deus. Ao saudável e próspero, porém, recairiam os louvores pela atribuição da fidelidade dos justos. Como diz Georges Canguilhem, esta equação resulta, hoje, na doença do “homem normal”: o homem saudável e bem posicionado econômica e socialmente, que se esquece do que é sofrer, e se coloca acima daqueles que padecem, tornando-se progressivamente incapaz de exercer a compreensão e a solidariedade.

Mas Jó não é “paciente”, como se costuma interpretar. Apesar de doente, ele se rebela vigorosamente contra esta crença, argumentando com veemência e com uma pertinência embasada na verdade de sua situação desesperadora, que Deus não pode ser justo ao enviar o opróbrio aos íntegros de caráter, preservando e premiando os perversos, como tantas vezes ocorre. Algo lhe parece irremediavelmente errado nesta lei, algo que ecoa nos argumentos e atitudes de seus amigos, os quais, pretendendo defender a Deus, acabam condenando o homem que sofre. A teologia, assim exercida, torna-se idolatria, colocando um obstáculo à fé e à própria experiência íntima do Bem.

Embora eminentemente agnóstico, Philip Roth traduz em seus romances versões contemporâneas dos lamentos de Jó, quando se vê destituído de tudo:

Se pudessem pesar a minha aflição e colocar na balança a minha desgraça seriam mais pesadas que a areia do mar! Por isso, as minhas palavras são confusas. Levo, cravadas em mim, as flechas do Todo-poderoso, e o meu espírito bebe o veneno delas; os terrores de Deus se enfileiram contra mim. [...] Tomara que se cumpra o que eu pedi, e Deus me conceda o que espero: que ele se digne esmagar-me, e solte sua mão para acabar comigo! Para mim, seria um consolo e, mesmo torturado sem piedade, eu daria saltos de alegria, por não ter renegado os decretos do Santo! Que forças me restam para aguentar? E aonde espero chegar, para continuar vivendo? Por acaso tenho a firmeza da pedra? Por acaso eu sou de ferro? Já não encontro apoio em mim mesmo, e todos os recursos me abandonam. (Jó, 5-6)

Em *A humilhação* – história de um grande ator, amado e celebrado por todos, que na terceira idade perde a capacidade de encenar –, Roth discorre sobre a incredulidade que acomete o “homem normal” de que fala Canguilhem ao se descobrir, subitamente, vitimado pela tragédia (2010, p. 10, p. 37):

Axler tinha certeza de que tudo estava acabado para ele: o trabalho, as mulheres, as pessoas, a felicidade, para sempre. Havia mais de um ano estava sofrendo de um problema físico grave – assim, estava certo de que tudo estava acabado. [...] Todos os dias, quando acordava e se defrontava com o vazio, concluía que seria impossível aguentar mais um dia destituído de seu talento, sozinho,

desempregado, sofrendo uma dor constante. [...] O pior é que ele questionava sua queda tal como questionava sua atuação. O sofrimento era terrível, e no entanto ele duvidava que fosse genuíno, o que o tornava pior. Não sabia como ia passar de um minuto para o próximo, tinha a sensação de que sua mente estava derretendo, sentia pavor de ficar sozinho, só conseguia dormir no máximo duas ou três horas, não comia quase nada, todos os dias pensava em se matar, e no entanto tudo aquilo lhe parecia uma encenação, uma encenação ruim. *Um homem que queria viver fazendo o papel de um homem que queria morrer.*

Em *Homem comum*, alusão ao título de um clássico da dramaturgia inglesa do século XV, *Everyman* – peça cujo tema é a convocação dos vivos para a morte –, acompanhamos o percurso de um homem saudável que vivencia a própria decadência física advinda com a idade, e sua dilaceração ao constatar a deterioração de seus contemporâneos e de si mesmo (2007, p. 54):

A certa altura, o homem sentado a seu lado (numa antes-sala com portas de vidro no andar das cirurgias), depois de lhe entregar o caderno de esportes do jornal, começou a lhe falar em voz baixa. Devia ter quarenta e muitos ou cinquenta e poucos anos, porém sua tez era pálida e a voz não exprimia firmeza nem força. “Primeiro minha mãe morreu”, disse ele, “e seis meses depois morreu meu pai; passaram-se oito meses e morreu minha única irmã; um ano depois, meu casamento desabou e minha mulher levou tudo o que eu tinha. E foi justamente aí que comecei a imaginar um sujeito se virando para mim e dizendo: ‘Agora vamos ter que cortar fora o seu braço direito também. O senhor acha que vai aguentar? E aí eles cortam meu braço direito. Depois eles voltam e dizem: ‘Agora vamos ter que cortar fora o esquerdo’. Depois disso, eles voltam um dia e perguntam: ‘Quer desistir? Já chega? Ou quer que a gente comece a atacar as suas pernas?’ E o tempo todo eu ficava pensando: quando, quando é que eu vou desistir? Quando é a hora de dizer chega?”...

Finalmente, em *Patrimônio*, contundente depoimento verídico, Philip Roth emociona com mais pungência do que em qualquer de seus livros de ficção, ao acompanhar a luta de seu pai aos 86 anos contra o tumor cerebral que viria a matá-lo. O filho, cheio de amor, ansiedade e medo, segue o pai em cada etapa temerosa de sua provação final, e ao fazê-lo revela a tenacidade do espírito de sobrevivência que caracterizou o pacto longo e teimoso daquele homem com a vida. Ao mesmo tempo, expressa uma revolta semelhante à de Jó – e de todos nós – quando a fúria da tormenta parece não cessar (ROTH, 2012, p. 91):

De oito a dez horas, depois de cinco a seis dias. O que valeria a pena depois disso? Após a infância pobre e a educação limitada, após o fracasso da sapataria e do

negócio de comida congelada, após a luta para alcançar uma posição de gerência apesar das cotas estabelecidas pela Metropolitan para empregados judeus, após a morte prematura de tantas pessoas amadas, após tudo que ele havia enfrentado e superado sem amargura, sem desânimo ou desespero, será que oito a dez horas de cirurgia no cérebro não era pedir demais? Será que não havia um limite?

Desiderato: a vida

O envelhecimento demográfico é uma realidade em todo o mundo, principalmente nos países industrializados. Com o aumento da esperança média de vida decorrente dos avanços na prevenção e tratamento médicos, e com o declínio da taxa da natalidade decorrente dos novos hábitos comportamentais e de consumo, uma nova realidade vem se estabelecendo em massa: a velhice. Segundo projeção da Organização das Nações Unidas, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento o ritmo de crescimento da população idosa é quatro vezes superior ao da população jovem. Enquanto fenômeno social, a velhice é uma novidade na história humana, o que justifica o crescente investimento que se observa nas pesquisas recentes dedicadas aos direitos, necessidades, adaptações e demandas desta faixa etária – pesquisas que, no entanto, parecem caminhar numa velocidade inferior à do avanço do próprio fenômeno.

O Tratado *De Senectute* de Cícero³ (43 a.C.) é considerado a primeira tentativa de conceitualização da velhice bem-sucedida. Cícero abre o seu texto comentando sobre um incontestável paradoxo: “Todos desejam viver muito, mas ao ficarem velhos se lamentam. Eis aí a consequência da estupidez”. Dificilmente se conseguirá fazer um ser humano se curvar à máxima: “Morrem jovens os que os deuses amam”. Mesmo que admitam intelectualmente esta verdade, não haverá muita gente disposta a abdicar da vida antes do tempo, como forma de evitar os sofrimentos derradeiros. Como diz Norbert Elias em *A solidão dos moribundos* (2001, p. 11): “Na verdade não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos. Não devemos nos enganar: a mosca presa entre os dedos de uma pessoa luta tão convulsivamente quanto um ser humano entre as garras de um assassino, como se soubesse do perigo que corre. Mas os movimentos defensivos da mosca quando em perigo mortal são um dom não aprendido de sua espécie”.

O que se observa hoje, no âmbito da ciência, não é um movimento investigativo das origens e destinos do ser humano que possa contribuir, de alguma maneira, para nos

aliviar ou consolar na certeza de nossa condenação – tarefa por muito tempo abraçada pelas religiões e pela filosofia. O investimento da ciência reside, quase que exclusivamente, na defesa de uma noção de saúde absoluta, que se expressa na contínua motivação para um ideal de vida eterna, transmitido à população através de mecanismos educativos voltados para a obediência aos ditames das últimas pesquisas científicas (sempre contraditórias), e à luta política pelo direito do acesso indiscriminado aos avanços das conquistas tecnológicas. Trabalha-se, portanto, para evitar qualquer pensamento sobre senectude, doença e morte, o que, conseqüentemente, vai excluindo os idosos, doentes e moribundos do direito à existência em sociedade.

O espetáculo da morte deixa de ser corriqueiro e familiar, e torna-se corriqueiro e grotesco: comparece diariamente, massivamente, no fotojornalismo e na televisão, cujo papel é o de promover a anestesia diante da dor dos outros – como discute Susan Sontag em seu livro. Por outro lado, o acesso aos “nossos” moribundos é negado: os que vão morrer são segregados do convívio com os seus em assépticos quartos nas Unidades de Tratamento Intensivo. Sedados e mantidos sob o controle de máquinas, os que vão morrer morrem por antecipação: têm os sentidos, a consciência e os contatos sequestrados pelos médicos, engajados na tarefa de sublimar a morte para os que ainda restam vivos. Propagam, assim, uma falsa esperança de recuperação, respaldada na capacidade de conservação de corpos destituídos de almas, que podem resistir, vegetativamente, por muito tempo. Para Norbert Elias:

Aqui encontramos, sob forma extrema, um dos problemas mais gerais de nossa época – nossa incapacidade de dar aos moribundos a ajuda e afeição de que mais que nunca precisam quando se despedem dos outros homens, exatamente porque a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte. A visão de uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas que as pessoas constroem como uma muralha contra a ideia de sua própria morte. O amor de si sussurra que elas são imortais: o contato muito próximo com moribundos abala o sonho acalentado (ELIAS, 2001, p. 17).

Provavelmente em decorrência do pânico de morrer – muito superior ao pânico de sofrer –, a ciência também investe na ideologia da prevenção a qualquer custo. Programas educativos e publicitários diversos conseguem, hoje, convencer facilmente grandes contingentes humanos a se submeter, por antecipação, aos sofrimentos impostos pelo crescente arsenal de *check-ups*, medicamentos e atitudes dietéticas e comportamentais supostamente destinados a evitar os males futuros que levariam à falência orgânica e à morte. Refiro-me aos inúmeros e complexos exames preventivos que surgem a cada dia, alguns deles invasivos e arriscados, quando não desnecessários; e às intervenções ditas profiláticas, que vão desde a vacinação em massa para os mais diversos ataques bacterianos e virais, até a remoção

3 Marco Tulio Cícero nasceu em Arpino, próximo de Roma, em 106 a.C. e morreu assassinado pelo centurião Herênio a mando de seu inimigo político Marco Antônio. Político influente, jurista, orador, filósofo, sua obra – vasta e diversificada – é uma das mais importantes da literatura latina e influentes na cultura ocidental. Escreveu 10 tratados filosóficos, entre os quais *Re Publica*, *De Natura* e *De Legibus*, quase 1.000 cartas, dezenas de orações, tratados de retórica e as célebres *Catilinárias*.

de órgãos em pacientes jovens e saudáveis, justificadas por previsões estatísticas acopladas a prognósticos genéticos – como a radical mastectomia mundialmente popularizada em 2013 pela atriz americana Angelina Jolie.

O desejo de mais vida e de mais saúde, no entanto, acaba se confundindo com o desejo da eterna juventude, e com a supervalorização desta que é apenas *uma* das idades do homem – e não necessariamente a melhor ou a mais agraciada, como evidenciam os romances de Roth. Arrastada pelo vendaval de uma busca alucinada pela aparência e pela disposição próprias dos jovens, a humanidade acaba não percebendo, não desfrutando e não aprendendo com a experiência acumulada pelos anos, determinando um mal-estar generalizado com a velhice, expresso tanto na depressão dos próprios idosos – o que contribui para o seu mais frequente adoecimento –; quanto no desinvestimento da valorização social desta faixa etária – o que acaba resultando na falta de assistência devida às suas demandas específicas, dificultando e acentuando os seus sofrimentos e a noção do “peso” que representam para a família e para a comunidade. Solidão, abandono, marginalidade, desprestígio, esquecimento: tudo isso poderia ser evitado caso a cultura da imaturidade, da superficialidade e da alienação pelo culto indiscriminado do prazer hedonista – marcas desta que se convencionou chamar a “era pós-moderna” – fosse superada em favor de uma cultura mais “madura”: mais coerente, realista e humanitária.

Em seu tratado, Cícero toca em outro ponto crucial, de valor inespecífico: uma vez que somos submetidos a obstáculos e desafios, e que a sorte instável ora nos ergue e ora nos derruba, o que muda é a maneira como cada um de nós aprende a lidar com sua cota de agruras. Um mesmo aborrecimento é leve para uns e insuportável para outros. Para Cícero: “Os velhos inteligentes, agradáveis e divertidos suportam mais facilmente os percalços da vida, ao passo que a acrimônia, o temperamento triste e a rabugice são deploráveis em qualquer idade”.

Cícero tentou contestar as principais queixas dos idosos, que podem se traduzir em mitos da velhice: o afastamento da administração dos negócios, a cessação das atividades e a exclusão social; além da debilitação do corpo e da redução das forças físicas, que ao impedir o desfrutar de quase todos os prazeres, tornam concreta, para o sujeito, a realidade da aproximação da morte. Cícero afirma, contudo, que o declínio físico pode ser compensado com o cultivo da mente e do caráter; que os idosos podem se tornar úteis em diversos domínios, não raro com vantagens sobre os mais novos; e que a perda dos prazeres da juventude pode dar ensejo à promoção da razão e da virtude. Essas conquistas levariam a uma percepção da morte como libertação. Ou seja, para Cícero, a alternância entre perdas e ganhos não é uma experiência prioritária da idade madura, mas uma realidade comum a todos os demais momentos da vida.

Neste límpido texto sobre a velhice, Cícero desenvol-

ve a tese de que a “arte de envelhecer” é encontrar o prazer que todas as idades proporcionam, pois todas têm os seus vícios e as suas virtudes. Para corroborar esta afirmação, cita, na dedicatória do livro, o seu caso pessoal: “Senti tal prazer em escrever que esqueci dos inconvenientes dessa idade; mais ainda, a velhice me pareceu repetidamente doce e harmoniosa”. Se pensarmos apenas na cronologia, a velhice, de fato, nos aproxima da morte. Entretanto, os mais propensos a morrer cedo são os jovens, pelos riscos que correm e pelo caráter devastador das doenças juvenis. Além disso, não há razão para temer a morte: se houver uma vida futura *post mortem*, muito bem; se não houver, nunca o saberemos, *aut nullus est*.

O autor crê na imortalidade da alma, mas prefere ficar na sua argumentação terrena, a fim de concluir sabiamente que os velhos não devem nem se apegar nem renunciar sem razão à vida. Para isso, é preciso ser sábio e a sabedoria é natural na velhice. Embora os jovens pensem que os velhos são tolos, na verdade são os velhos que *sabem* que os jovens são tolos – pelo simples fato de que já passaram por esta experiência. Em 1996, aos 83 anos, Paul Ricoeur escreveu uma longa reflexão sobre o moribundo e a sua relação com a morte, e também sobre o após-vida (a ressurreição), baseada nos textos de dois sobreviventes dos campos de concentração: Jorge Semprún e Primo Levi. Nos “Fragmentos” de seu livro *Vivo até a morte* (2007, p. 113), debatendo-se com a esperança instintiva de sobreviver – apesar de sua recusa intelectual e espiritual de aquiescer, como Roth e seus personagens, a uma visão ingênua de outro mundo que seria o duplo ou a cópia deste mundo –, ele oferta a uma amiga pouco mais nova, mas também no crepúsculo da vida, algumas palavras que parecem traduzir este desiderato tão humano – frágil – quanto inabalável e inexplicável:

Querida Marie. É na hora do declínio que a ressurreição se ergue. Para lá dos episódios miraculosos. Do fundo da vida, uma potência surge, que diz que o ser é ser contra a morte. Crê-lo comigo. O teu amigo, Paul R.

Referências bibliográficas

BIBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulus, 1990.

CANGUILHEM, George. *O normal e o patológico*. Tradução de Maria de Threza Redig de C. Barrocas e Luiz Octávio F. B. Leite. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CÍCERO. *Saber envelhecer*; seguido de *A amizade*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer*. Tradução de Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora*. Tradução de Paulo

Henriques Britto; Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Diante da dor dos outros*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RICOEUR, Paul. *Vivo até a morte, seguido de Fragmentos*. Lisboa: Edições 70, 2011.

ROTH, Philip. *Homem comum*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *A humilhação*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Patrimônio*. Tradução de Jório Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Nêmesis*. Tradução de Jório Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.